

O mal está na boca

Doença silenciosa, a periodontite pode reduzir o desempenho animal em até 30% e é muito mais comum do que se pensa, atingindo rebanhos de todo o Brasil.

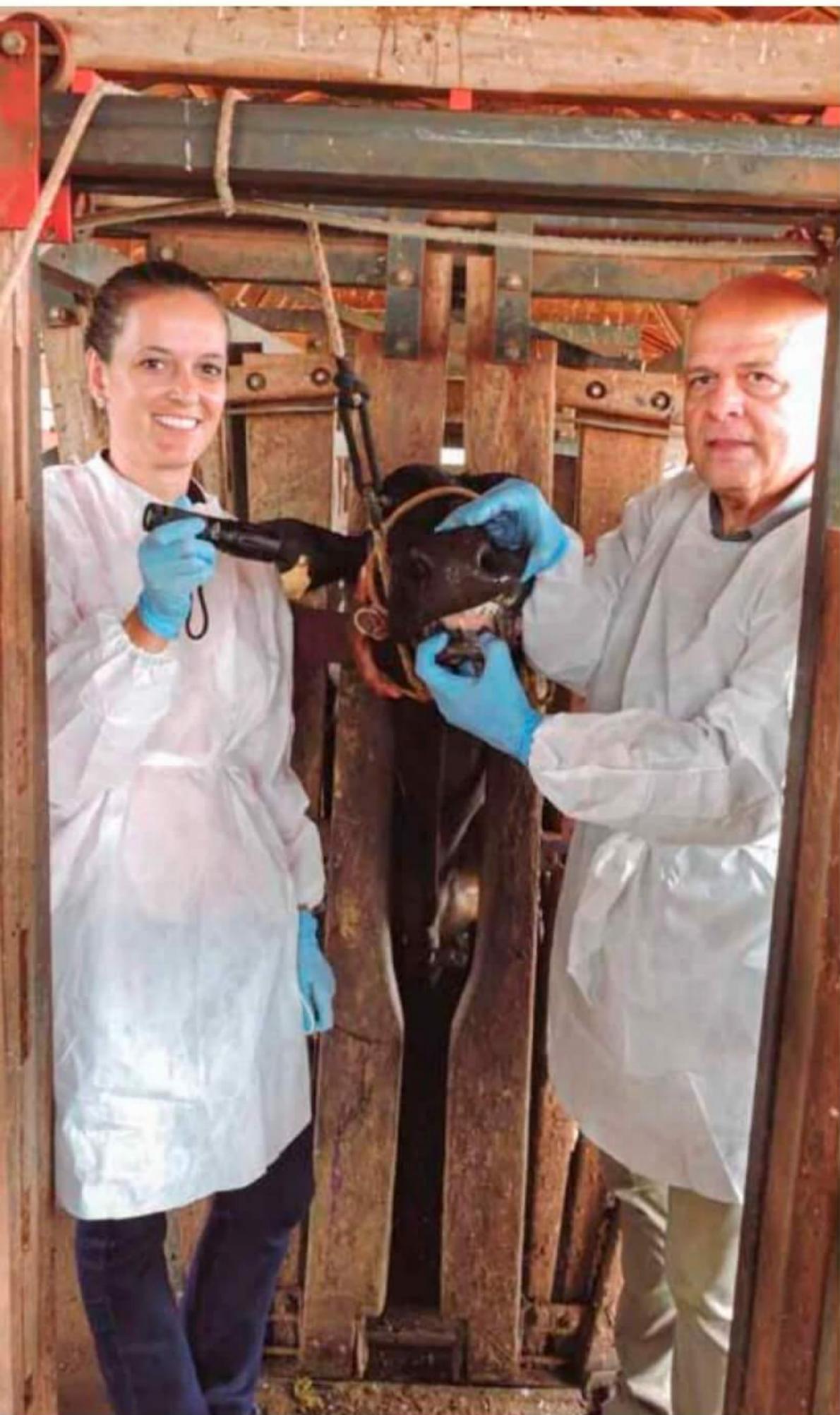
RENATO VILLELA

renato.villela@revistadbo.com.br

Mesmo investindo em genética, sanidade e bom manejo nutricional, você continua tendo “animais de fundo” e vacas que não emprenham em seu rebanho? Pois, fique atento. A causa desses problemas pode estar na boca dos bovinos. Como os humanos, eles também têm cáries e doenças periodontais de origem bacteriana, que podem provocar desde inflamações na gengiva (gingivites) até distúrbios mais graves, como reabsorção óssea, retração gengival, afrouxamento e perda dos dentes. O animal atingido pelo problema tem dificuldade para comer, perde peso e apresenta baixo desempenho reprodutivo, sem que o pecuarista descubra a verdadeira causa. Fique esperto, pois o boi também precisa ir ao “dentista”, neste caso um veterinário treinado, capaz de avaliar problemas periodontais. Para garantir o bem-estar dos animais (que sentem dor) e evitar prejuízos econômicos de até 30%, é necessário incluir exames periodontais no protocolo sanitário anual da fazenda e dar maior atenção à saúde bucal bovina, dizem especialistas.

O motivo desse alerta vem do campo. Desde os grandes surtos da chamada doença da “cara inchada” – periodontite agressiva que fez estragos nas décadas de 60 e 70, depois considerada extinta –, os produtores não prestam muita atenção à boca do boi, mas estudos recentes fizeram uma descoberta importante: essa doença nunca desapareceu. Pelo contrário, continua fazendo vítimas de forma silenciosa. Desde 2016, pesquisadores estão indo a campo inspecionar a boca dos animais com sonda periodontal milimetrada (a mesma usada por dentistas) e têm se deparado com uma realidade assustadora: animais de todas as idades, de norte a sul do País, apresentam lesões periodontais que comprometem o ato de apreensão e mastigação do alimento, prejudicando seu desempenho. “Como, atualmente, há poucos casos de abaulamento lateral do osso maxilar, sintoma mais agudo e visível da cara inchada, tem-se a impressão de que a doença desapareceu, mas ela está lá, na boca, e precisa ser monitorada”, explica o professor da Unesp Araçatuba, Iveraldo Dutra, que coordena um grande projeto de pesquisa nessa área.

O que chama ainda mais a atenção é o fato de a cara inchada estar se manifestando com maior intensidade justamente nas propriedades tecnificadas. Se-



Os pesquisadores Ana Carolina Borsanelli e Iveraldo Dutra abrem a boca de uma vaca para investigar a presença de doenças periodontais.



Antiga charge reforçando a hipótese de a cara inchada estar associada à deficiência mineral.

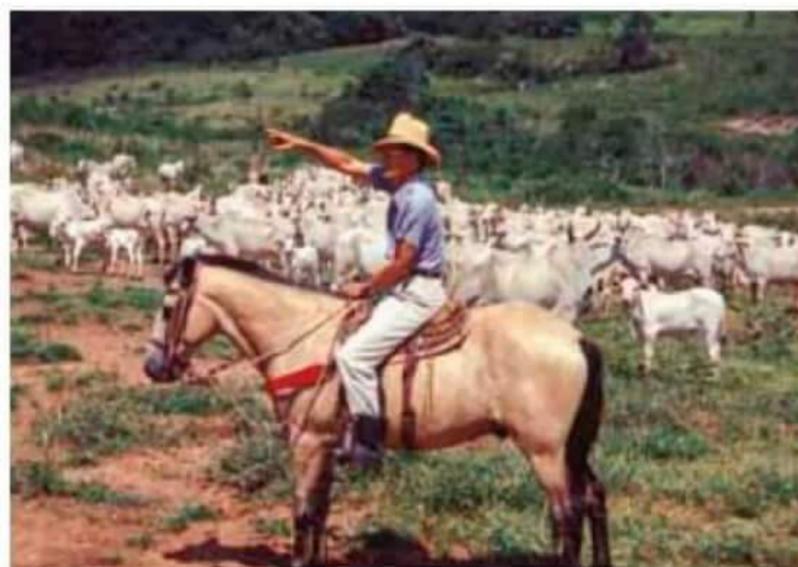
gundo Dutra, há relatos de animais praticamente sem dentes funcionais em áreas de integração lavoura-pecuária, sistema considerado sinônimo de produtividade. “As evidências epidemiológicas nos mostram que a doença é mais frequente em pastagens reformadas ou recuperadas com adubação; não em pastos degradados. Por isso, ela pode ser considerada um problema para a pecuária moderna, sempre em busca de maiores produtividades, pois sua ocorrência aumenta quando se melhora a dieta dos bovinos”, salienta o professor. A questão preocupa, inclusive, porque os sistemas intensivos convivem com maiores custos e frustrações no desempenho animal podem ter impacto muito negativo sobre seus resultados. “Mais um motivo para monitorar a boca do boi”, alerta Dutra.

Quebra-cabeças

Ainda não se sabe ao certo por que a periodontite está ocorrendo com maior intensidade em pastagens reformadas e adubadas ou de integração lavoura-pecuária. A etiologia da doença é um dos quebra-cabeças mais desafiadores da ciência veterinária. Quando ela começou a fazer vítimas no Brasil, na década de 40, em fazendas mineiras e paulistas, alguns pesquisadores pensaram que fosse uma patologia infecciosa chamada necrobacilose, hipótese depois descartada. Com o avanço da pecuária rumo ao Centro-Oeste, durante as décadas de 60 e 70, a cara inchada tornou-se um problema grave, chegando a atingir até 60% dos bezerros em fazendas de cria. Surgiram, então, diversas teses sobre sua origem. A mais “popular” dentre elas atribuía a doença a deficiências minerais, mas essa teoria foi contestada por grandes cientistas como Jürgen Döbereiner e Ivan Valadão Rosa (ambos da Embrapa), cujas pesquisas comprovaram tratar-se de uma infecção periodontal bacteriana.

Döbereiner (falecido em 2018) começou a estudar a etiologia da cara inchada no início dos anos 70, quando liderou uma grande “expedição” ao Mato Grosso (ainda não dividido) para visitar fazendas atingidas pela doença. Ele e Carlos Tokarnia, outro grande nome da veterinária brasileira, examinaram

FOTOS: PESQUISA VETERINÁRIA BRASILEIRA



Jürgen Döbereiner, um dos maiores estudiosos da periodontite no Brasil, fez inúmeras visitas a fazendas para examinar animais e investigar as causas da doença.

cerca de 1.500 bezerros, constatando que o problema ocorria em solos férteis de massapé, onde o colômbio havia sido plantado recentemente, após a derrubada da mata. Mais tarde, a doença passou a fazer estragos também em áreas de Cerrado recém-formadas com braquiária. Quando os animais eram transferidos para pastos mais antigos, a periodontite desaparecia. Isso fez Döbereiner considerar que o fator desencadeante da doença estivesse no solo, principalmente depois que se descobriu concentrações subinibitórias de estreptomicina em terras desmatadas de Cerrado e ensaios in vitro mostraram que esse antibiótico aumentava a aderência das bactérias à gengiva dos bovinos, favorecendo sua colonização.

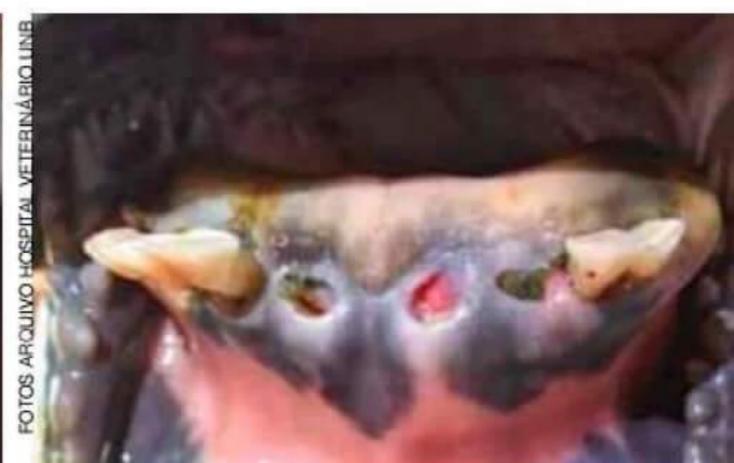
Na década de 90, foram realizados estudos com antibióticos para controle da doença, alguns com a participação do professor Iveraldo Dutra, mas depois os casos evidentes de cara inchada foram sumindo e os pesquisadores passaram a se dedicar a outras áreas. A periodontite somente voltou a chamar a atenção de Dutra em 2014, quando ele recebeu um telefonema de um colega da Universidade Federal do Pará (UFPA) relatando sintomas da doença em um importante criatório de ovinos no município de Benevides, a 35 km da capital Belém. Vários animais da propriedade estavam apresentando abaulamento facial e perda de dentes. Na época, esse criatório almejava ser um polo de difusão genética na região Norte. Tinha um rebanho de 1.200 caprinos e ovinos, dispunha de três veteri-



RENATO VILLELA



FOTOS ARQUIVO HOSPITAL VETERINÁRIO LINE



Sangramento da gengiva, inchaço e vermelhidão são sinais de gengivite

Pigmento preto nos dentes configura um biofilme (placa bacteriana).

Periodontite provoca reabsorção óssea e perda de dentes

nários para transferência de embriões e havia reformado todas as pastagens, fazendo correção, adubação e troca do Braquiário pelo Panicum Massai.

Mais uma vez tentou-se descobrir o fator desencadeante da doença. “A necropsia em um dos animais detectou muito capim acumulado entre os dentes; então, pensamos que o Massai estivesse lesionando o tecido bucal”, lembra Dutra, que visitou a fazenda junto com a equipe do professor Diomedes Barboza, da UFPA. Essa hipótese, porém, caiu por terra quando o dono da propriedade decidiu tratar os animais com capim elefante e o problema não desapareceu. Ao contrário, tornou-se tão grave que o produtor desistiu do negócio. De volta a São Paulo, Dutra conversou com ovinocultores da região de Araçatuba, que lhe informaram ser este o problema mais comum em seus rebanhos. “Constatai, então, que a cara inchada nunca havia desaparecido realmente”, conta o professor, que atribui a alta prevalência da periodontite em caprinos e ovinos ao fato

destes serem criados em propriedades menores, cujas pastagens podem ser reformadas com maior frequência. Além disso, os pequenos ruminantes têm a arcada dentária delicada, por isso estão mais suscetíveis a lesões periodontais graves.

Incursão amazônica

O episódio no Pará fez Dutra querer investigar se a cara inchada ainda acometia bovinos. Como, nas décadas de 70 e 80, a doença se manifestou em pastagens formadas logo após a derrubada da mata, ele concluiu que a região com maior probabilidade de encontrar casos clínicos era a Amazônia, onde as pastagens são mais recentes. Ainda em 2014, Dutra retomou as discussões sobre a etiologia da doença com Döbereiner, que continuava ativo aos 95 anos. Nos dois anos seguintes, firmou parcerias com pesquisadores da Embrapa Agrobiologia, em Seropédica, RJ, para pesquisa da microbiota edáfica, e da Embrapa Solos, no mesmo Estado, para estudos de

Sinais clínicos da periodontite

A arcada dentária completa dos bovinos é formada por 32 dentes, em duas dentições (de leite e permanente). Eles têm funções distintas: os incisivos auxiliam na apreensão do alimento pela língua e corte da forragem, enquanto os mastigatórios (pré-molares e molares) são responsáveis por sua trituração, em cerca de 17.000 movimentos diários. Nos anos 70, época dos grandes surtos no Centro-Oeste, a cara inchada se manifestava em bezerros, logo após a erupção dos pré-molares, e a infecção atingia tal gravidade que o osso da arcada se afastava lateralmente na tentativa de expulsar o dente, considerando-o um “corpo estranho” ao organismo. Foi

esse abaulamento facial que deu à doença o nome de cara inchada.

Nos dias atuais, os sinais clínicos da enfermidade estão mais dentro da boca. Ela começa com uma gengivite, inflamação da gengiva causada pelo acúmulo de placa bacteriana (também chamada de biofilme), fina película que adere à superfície dos dentes e se deposita no sulco gengival. Com o tempo, a gengiva vai se descolando do dente, favorecendo o surgimento de bolsas periodontais com presença de tártaro. O estágio seguinte é a perda óssea, que provoca queda dos dentes. O abaulamento maxilar ou mandibular hoje é bastante raro.



A abaulamento do osso maxilar: sintoma mais extremo da doença, hoje raro.

pedologia (análises físico-químicas do solo), além da Universidade de Michigan, EUA, que faz análise de bioinformática. Com esses parceiros, montou um macroprojeto de pesquisa sobre o tema. “Nossa proposta era monitorar distúrbios da microbiota do solo após a transformação da floresta em pasto e analisar os reflexos disso na saúde bucal dos bovinos”, explica Dutra.

O caráter original e multidisciplinar da iniciativa chamou a atenção da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos e da Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (Usaid), órgão encarregado de oferecer colaboração à política externa daquele país. O projeto foi eleito, dentre 415 inscritos em todo o mundo, como um dos 43 passíveis de financiamento. O aporte financeiro viabilizou os trabalhos com solo e permitiu à equipe de Dutra fazer uma grande incursão pelo bioma amazônico em 2016, percorrendo milhares de quilômetros de estradas de terra, com muita lama ou poeira. “Examinamos dezenas de rebanhos em regiões do Acre, sul do Amazonas, Rondônia, Pará e Mato Grosso, mas, no começo, usávamos uma tática errada. Perguntávamos se os fazendeiros tinham animais com abaulamento facial em seus rebanhos, mas estes eram raros. Somente quando decidimos mudar a estratégia de trabalho e examinar a boca dos animais com sonda exploratória descobrimos inúmeros casos de gengivite e periodontite. A doença havia nos pregado uma peça”, conta Dutra.

A partir do momento que o abaulamento da face (ponta de um grande iceberg) deixou de ser pré-requisito para as investigações, os pesquisadores passaram a buscar outros indícios da presença da enfermidade, como o emagrecimento. Além do levantamento na região Amazônica, eles decidiram visitar algumas das 250 fazendas catalogadas por Döbereiner, em seus diários de viagem entre 1968 e 2006, com registros de cara inchada. Vários pecuaristas e técnicos Brasil a fora também começaram a ajudar a equipe da Unesp, relatando casos suspeitos. Algumas dessas contribuições vieram do gestor em agropecuária, Rui Padulla. Em uma das propriedades que assiste, em Goiás, ele notou que, apesar do bom manejo, tinha-se muito bezerro de “fundo” por ocasião da desmama. Intrigado com isso, ele decidiu convidar Dutra (de quem é amigo) para visitar a fazenda e examinar os animais. “O professor abriu a boca tanto dos bezerros quanto das vacas e encontrou sérias lesões nos dentes”, conta. Segundo o gestor, as bezerras identificadas com periodontite, por exemplo, pesaram 30% a menos do que as saudáveis do mesmo lote contemporâneo.

Uma busca nos arquivos revelou que essa propriedade ficava em uma região do oeste goiano onde se registrara “cara inchada” na década de 70. “Mais um indício de que a doença sempre esteve presente, mas de forma silenciosa e crônica”, afirma Dutra. Em suas andanças pelo Brasil, Padulla encontrou esse tipo de problema também em fazendas do Mato



Fundo de vacada em fazenda no sul de Goiás. Exame mostrou que todas tinham periodontite.

Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Rio Grande do Sul e Rondônia. Em uma propriedade mato-grossense constatou diferença de 40% no peso dos animais com lesões periodontais, em comparação com os saudáveis. A experiência de campo ajudou-o a detectar o problema nos rebanhos. “Animais com periodontite têm dificuldade de mastigação. Estão sempre com a boca suja, porque não seguram bem a saliva, que escorre de um lado da boca. Isto é sinal de que o animal não está conseguindo utilizar todos os dentes para ruminar. Quando ele gira a cabeça para espantar uma mosca, por exemplo, aquele lado do corpo fica com a pelagem marcada pelo verde da saliva. É fácil identificar”, ensina o consultor, ressaltando que o pelo também fica áspero e opaco.

Desvendando a boca do boi

Com todos esses estudos, já é possível montar o quebra-cabeças da etiologia da doença? “Ainda não, mas digamos que já temos 80% das peças”, diz Dutra. Segundo ele, trata-se de uma infecção multifatorial, daí a necessidade de se estudar solo, planta e animal, buscando desvendar as interações entre eles. Por enquanto, não foi possível confirmar que doses subinibitórias de antibióticos presentes no solo são absorvidas pelo capim e ingeridas pelos animais, deflagrando a doença, como aventou Döbereiner. “O mais provável é que a periodontite seja causada por desequilíbrios na dieta em função do manejo desse solo e da melhoria da pastagem. Aqui na Unesp Aracatuba, onde estamos conduzindo a segunda fase do projeto, os animais que mais ganham peso são os que mais apresentam problemas periodontais. Estamos investigando isso. Não tem a ver com um tipo de solo específico, pois a doença ocorre mundialmente, no Brasil, Austrália, Escócia e outros países. Tem a ver com a boca”, salienta Dutra.

Enquanto os “fatores ambientais” desencadea-



“

Dificuldade de mastigação, boca suja e manchas de saliva na pelagem são sinais da doença”

Rui Padulla,
gestor em
agropecuária.

Grupo de jovens pesquisadoras da Unesp Araçatuba que investigam a periodontite: em sentido horário, Ana Carolina Borsanelli, Natália Souza, Thamiris Ramos, Júlia Rebecca Saraiva e Juliana Vaccari. Ao centro, o funcionário Adão Angelo Custódio.



dores da doença continuam um mistério, muito se avançou no conhecimento da microbiota bucal bovina, graças aos trabalhos desenvolvidos pela jovem veterinária Ana Carolina Borsanelli, também pesquisadora da Unesp Araçatuba. Ela começou seus estudos nessa área em 2013, por sugestão de Dutra, que não queria perder amostras de um dos últimos surtos de periodontite com forte presença de abaulamento facial ocorridos no País (veja quadro abaixo). Ana

Carolina aceitou o desafio e hoje tem, no curriculum, um feito inédito no mundo: o mapeamento das bactérias presentes na boca dos bovinos. Segundo Dutra, 75% desses microrganismos eram desconhecidos, devido à dificuldade de cultivo *in vitro*. Ana Carolina identificou, por meio de sequenciamento de DNA, 1.943 bactérias, de 395 gêneros diferentes. Além disso, comparando amostras de animais com e sem periodontite, constatou 72,6% de diferença entre as microbiotas bucais dos dois grupos.

“Conhecer esses microrganismos e entender como o organismo do animal reage a eles, em diferentes situações, é a chave para o controle da periodontite”, diz a pesquisadora. Segundo ela, a microbiota da boca dos bovinos é composta tanto por bactérias não patogênicas (maioria) quanto potencialmente patogênicas. Estas, normalmente, se mantêm em homeostase (equilíbrio) com o hospedeiro (boi). Porém, quando o animal entra em uma área nova e muda de dieta, ocorre uma disbiose (desequilíbrio) no ambiente bucal. “As bactérias patogênicas que estavam ali em pequena quantidade começam a se multiplicar, passam a ser maioria e desencadeiam uma resposta imuno-inflamatória exacerbada no hospedeiro, que leva à destruição dos tecidos conjuntivos e do osso alveolar”, explica a pesquisadora.

O estudo dos microbiomas já está avançado na medicina humana. Pesquisadores têm demonstrado que o conjunto de bactérias, vírus e fungos existentes em nosso organismo exercem papel importante em doenças cardiovasculares, esclerose múltipla, infecções por germes patogênicos, doença de Chron (inflamação que acomete os intestinos), processos autoimunes como a asma e até o autismo. Em sua tese de doutorado “sanduíche”, realizada na Unesp e na Universidade de Glasgow, na Escócia, Ana Carolina confirmou a presença de periodontite naquele país, com 25% de prevalência em 200 animais examinados em abatedouros, e descobriu ainda que as bactérias pa-

Em busca de pistas, a bordo de um teco-teco.

As amostras usadas por Ana Carolina Borsanelli para iniciar suas pesquisas sobre a microbiota bucal dos bovinos têm uma história pitoresca, que começou 18 anos atrás, quando o proprietário de uma fazenda no município de Campinápolis, MT, comunicou ao mestrando da Unesp, Fábio Fonseca, a existência em seu rebanho de animais com cara inchada. De imediato, ele ligou para o professor Iveraldo Dutra informando o achado. Dutra não teve dúvidas. Alugou um “teco-teco” no aeroclube de Birigui,

município vizinho à Araçatuba, e partiu para a fazenda. No comando do manche, estava o próprio Fábio, que levou o professor até a propriedade. A viagem de ida e volta ao Mato Grosso ainda lhe garantiram 10 horas-aula para tirar seu brevê de piloto.

“O Fábio e o instrutor foram na frente e eu atrás com meu botijão de nitrogênio líquido”, diverte-se o professor. No dia seguinte estavam de volta com o material coletado. “Sempre quis saber quais eram as bactérias envolvidas na

etiologia das doenças periodontais, mas as técnicas laboratoriais disponíveis na época não permitiam chegar a um diagnóstico conclusivo. Como eu sabia que um dia teríamos testes mais avançados, guardei o material”. As amostras retiradas das lesões dentárias dos bezerras ficaram congeladas no botijão até 2013, quando Dutra pensou em se desfazer delas por falta de interessados nas pesquisas. Por sorte, Ana Carolina Borsanelli, então sua orientanda, topou a empreitada e o material não se perdeu.

togênicas relacionadas à enfermidade em bovinos são praticamente as mesmas que causam o problema em humanos, variando apenas sua proporção. A descoberta abre novas possibilidades para o estudo da enfermidade, uma vez que já existem milhares de trabalhos na medicina humana sobre o tema.

Além de Ana Carolina, outras jovens e entusiastas pesquisadoras estudaram aspectos da periodontite bovina. Thamis Ramos testou a virginiamicina no controle da doença (veja matéria abaixo). Júlia Rebecca Saraiva demonstrou que o pigmento preto que se deposita sobre

os dentes do bovino é, de fato, um biofilme verdadeiro (antiga placa bacteriana). “Descobrimos que alguns elementos químicos, como o ferro e o magnésio, que se depositam nesse biofilme, têm forte associação com a periodontite”, explica a pesquisadora. Juliana Vaccari, por sua vez, está investigando se ocorrem mudanças na saliva e no sangue dos bovinos quando mantidos em pastos reformados, e qual sua correlação com a doença periodontal. “A saliva fornece biomarcadores moleculares importantes na prevenção, monitoramento e diagnóstico de várias alterações bucais”, diz ela.

Doença pode ser controlada com aditivo

Muitas fazendas brasileiras convivem com a cara inchada sem saber. “Na verdade, quando se tem um caso de abaulamento facial (sintoma mais grave e hoje raro da doença), já se tem muitos animais com lesões periodontais no rebanho”, salienta o professor Iveraldo Dutra, da Unesp-Araçatuba. Foi o que ocorreu na Fazenda Santa Paula, em Lavínia, no noroeste paulista. A propriedade, que foi objeto de reportagem de **DBO** em setembro, tem uma longa história de contribuição científica junto à Unesp. Há 20 anos seu proprietário, Álvaro Borges, abre as porteiras da propriedade para que sejam feitas pesquisas em condições reais de produção, bem como visitas monitoradas e aulas práticas reservadas aos alunos da Universidade. Foi em uma aula prática sobre cura de umbigo, que Alicério Batista Sobrinho, administrador da fazenda, chamou de lado o professor Iveraldo Dutra para lhe falar sobre um touro Braford que havia sido comprado no Rio Grande do Sul. “De uma hora para outra, ele começou a emagrecer muito”, relata.

Desconfiado de que o problema poderia estar relacionado à arcada dentária, Dutra examinou o touro e encontrou seus dentes incisivos frouxos, com muito pus e sangramento, além de um dente molar solto na mandíbula esquerda. Nos incisivos, haviam bolsas periodontais (cavidade que se forma entre o dente e a gengiva devido à infecção) de mais de 20 mm. Analisando, depois, animais do rebanho por amostragem, Dutra identificou vários casos de gengivite e periodontite. A situação diagnosticada na fazenda, que estava reformando suas pastagens, e as facilidades decorrentes do espírito inovador de Álvaro Borges motivaram



Vacas de cria na Fazenda Santa Paula, em Lavínia, SP, onde foi feito experimento.

Dutra a fazer um estudo piloto na propriedade com a adição de virginiamicina no sal mineral. O antimicrobiano já havia se mostrado eficiente em estudos anteriores quando empregado na recuperação de bezerros com doença periodontal, da mesma forma que em sua prevenção.

Efeito positivo

Foram selecionados, para a avaliação, dois lotes de 100 vacas paridas, que haviam sido criadas em pastos reformados há mais de 10 anos. Para verificar o efeito da virginiamicina sobre a periodontite, um lote recebeu mistura mineral contendo o produto e outro não. Mães e bezerros foram sendo monitorados e pesados periodicamente. A balança não mostrava nenhuma diferença até que, por obra do acaso, uma troca não programada no manejo, realizada no último mês do experimento, fez tudo mudar. O lote dos animais sem virginiamicina foi colocado num piquete à parte, destinado à tropa, que havia sido reformado há apenas dois anos. “Cavalo não gosta de capim muito alto. Por isso coloquei as vacas com bezerros, para baixar um pouco a altura do pasto”, justificou



“

Touro emagreceu muito rápido por causa dos dentes”.

Alicério Sobrinho, administrador da Fazenda Santa Paula.

Sobrinho. O lote permaneceu apenas quatro semanas nessa pastagem, mas foi tempo suficiente para que os problemas aparecessem. “Cerca de 20% dos bezerros tiveram lesões sérias na arcada dentária e desmamaram 15 kg mais leves em relação ao grupo contemporâneo. As vacas pesaram 45 kg a menos”, diz o administrador.

O teste realizado em 2017, mesmo ano em que foram iniciados os estudos na Amazônia, não teve validade científica, uma vez que não foram oferecidas as mesmas condições para ambos os lotes – o grupo “com virginiamicina” não entrou no piquete. Entretanto, ele deixou uma importante contribuição: a constatação de que era necessário ampliar os estudos sobre o efeito da virginiamicina no controle da periodontite, o que viria a ser feito um ano depois. Retirar animais acometidos pela doenças das pastagens novas ou reformadas e levá-los para um pasto antigo até que os sinais clínicos regridam e o quadro melhore, como se fazia antigamente, não faz muito sentido hoje. O ideal é adotar outras medidas preventivas.

Recomendações para o produtor



1. Inclua a periodontite no programa sanitário de seu rebanho e realize exames bucais, por amostragem, pelo menos uma vez por ano, em animais de diferentes categorias, de preferência depois das águas. Avalie tanto os bovinos gordos quanto os magros.
2. Caso algum lote esteja em área de ILP, peça o veterinário de sua confiança para examiná-los dois meses após a transferência para essa área, para verificar possíveis lesões.
3. Se houver emagrecimento de animais sem causa aparente, salivação excessiva com manchas no pelo e comida presa à bochecha, leve-o ao curral para exame periodontal.
4. Caso a propriedade tenha histórico da doença, faça controle preventivo com virginiamicina, por dois a três meses, quando for colocar vacas e bezerros em pastagens novas, reformas ou de integração lavoura-pecuária. Procure orientação profissional.
5. Acompanhe o abate de vacas de descarte. O dente reflete a história da saúde bucal do animal. Como as fêmeas ficam mais tempo na fazenda, elas indicam se há problemas de periodontite no rebanho.

Devido aos bons resultados obtidos na Fazenda Santa Paula, a pesquisadora Thamiris Naiasha Minari Ramos decidiu fazer um estudo no campus da Unesp para avaliar o efeito do uso da virginiamicina. Foram usados 10 bezerros recém-desmamados e saudáveis, identificados em dois lotes de cinco cada e mantidos em pastos recém-reformados, sob pastejo rotacionado.

Somente um dos grupos recebeu diariamente virginiamicina, administrada via oral, na dosagem de 340 mg/animal. Após 18 semanas de experimento, os resultados mostraram que o antimicrobiano foi bastante eficaz no controle e prevenção das formas iniciais da doença periodontal (gingivite simples e necrosante). Dos 395 casos observados nas 1.440 avaliações dos oito dentes incisivos de cada animal, 267 ocorreram no grupo “controle”, ante 128 no tratado. Em relação à gingivite necrosante, do total de 89 registros, o placar foi 58 contra 31, respectivamente.

Resultado na balança

Os episódios da doença foram visivelmente mais intensos e de recuperação lenta no lote controle. “A virginiamicina regula a microbiota oral do bovino, reduzindo o número de bactérias patogênicas e controla a forma precursora da periodontite”, explica Thamiris. Também houve diferença significativa na balança. A média de peso dos bezerros que receberam tratamento foi de 188,2 kg, ante 123,5 kg do outro grupo. É preciso, entretanto, ponderar esse resultado, para não atribuir o ganho de peso superior do grupo tratado somente à prevenção das lesões bucais, uma vez que a virginiamicina também é promotora de desempenho e esse efeito não foi avaliado no experimento. “Ela regula a composição das bactérias do rúmen, favorecendo aquelas que promovem o melhor aproveitamento do alimento ingerido”, explica a pesquisadora.

O resultado do experimento comprovando a eficácia da virginiamicina no controle da periodontite indica que o antibiótico pode ser usado na prevenção da doença, embora não de forma indiscriminada. O importante é monitorar o problema, considerando as situações de maior risco ou a predisposição das diferentes categorias animais à enfermidade. “Se os bovinos estão em uma pastagem recém-reformada e parte do lote começa a ter desempenho insatisfatório, é importante fazer exames da arcada dentária, por amostragem”, diz Dutra.

“Não é necessário abrir a boca de todos os bovinos do rebanho, mas de alguns de cabeceira e de fundo, para avaliar a dimensão do problema”, diz. Segundo Dutra, o produtor precisa adotar estratégias de diagnóstico, monitoramento e prevenção da periodontite em bovinos (veja quadro ao lado). “Nosso estudo visa mostrar a importância do problema em ruminantes, elucidar seus aspectos etiológicos e ajudar o produtor a desenvolver estratégias de controle”, afirma. ■